

AS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DA INTERTEXTUALIDADE NOS ELEMENTOS PROVOCADORES DA PARTE ORAL DO EXAME CELPE-BRAS

Natalia Ricciardi

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
Natalia Ricciardi é licenciada em Português e Espanhol para Estrangeiros pela Universidade Nacional de Rosário (UNR). Atualmente, é doutoranda em Linguística e Línguas pela UNR. Currículo na Plataforma Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2258-445X .

RESUMO	Resumen
O número crescente de candidatos ao exame de proficiência em língua portuguesa Celpe-Bras evidencia um interesse cada vez maior dos estrangeiros de todo o mundo por atestar seu domínio em língua portuguesa. O exame é concebido como um exame de proficiência, entendida como a capacidade do candidato de produzir enunciados adequados dentro de determinados gêneros do discurso, configurando a interlocução de maneira adequada ao contexto de produção e ao propósito comunicativo, e sua avaliação somente será válida se ele levar em conta a relação entre todos os aspectos que determinam a atualização do propósito de comunicação e da relação entre os participantes em diferentes contextos de comunicação. Essa concepção teórica associada à perspectiva dialógica da teoria dos gêneros do discurso como organizadores da comunicação, frisa que o uso da língua se materializa como atividade social, histórica e cognitiva através dos textos, como enunciados concretos, situados, relacionados a um contexto sócio cultural, e atualizados por um sujeito (coletivo ou individual) em diálogo com certos interlocutores. Com o objetivo de analisar as relações dialógicas através das diferentes manifestações da intertextualidade e da interdiscursividade nos elementos provocadores da parte oral do exame de português brasileiro Celpe-Bras, serão discutidas e analisadas algumas ópticas diferentes, porém compatíveis, de autores que têm abordado o fenômeno. O estudo propõe a observação no mencionado exame das relações intertextuais e interdiscursivas que se pretendem estabelecer para determinar o propósito comunicativo.	El creciente número de candidatos al examen de proficiencia Celpe-Bras demuestra un interés cada vez mayor de los extranjeros de todo el mundo en certificar su dominio en lengua portuguesa. El examen es concebido como un examen de proficiencia, entendida como la capacidad del candidato de producir enunciados adecuados dentro de determinados géneros de discurso, configurando la interlocución de manera adecuada al contexto de producción y al propósito comunicativo, y su evaluación solamente será válida si tiene en cuenta la relación entre todos los aspectos que determinan la actualización del propósito de comunicación y de la relación entre los participantes en diferentes contextos de comunicación. Esta concepción teórica asociada a la perspectiva dialógica de la teoría de los géneros del discurso como organizadores de la comunicación, sostiene que el uso de la lengua se materializa como actividad social, histórica y cognitiva a través de los textos, como enunciados concretos, situados, relacionados a un contexto sociocultural y actualizados por un sujeto (colectivo o individual) en diálogo con ciertos interlocutores. El presente trabajo tiene el objetivo de analizar las relaciones dialógicas a través de las diferentes manifestaciones de la intertextualidad y de la interdiscursividad en los elementos provocadores de la parte oral del examen de portugués brasileño Celpe-Bras para lo cual serán discutidas y analizadas algunas ópticas diferentes pero compatibles de autores que han abordado el fenómeno. El estudio propone la observación en el mencionado examen de las relaciones intertextuales e interdiscursivas que se pretenden establecer para determinar el propósito comunicativo.

PALAVRAS-CHAVE	Palabras-clave
Celpe-Bras; Elementos Provocadores; Gêneros do Discurso; Intertextualidade; Interdiscursividade.	Celpe-Bras; Elementos Provocadores; Gêneros del Discurso; Intertextualidad; Interdiscursividad.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe, a partir da observação do exame Celpe-Bras, revisar alguns pressupostos teóricos que orientam sua elaboração e parâmetros de correição, especificamente a perspectiva dialógica da teoria dos gêneros do discurso como organizadores da comunicação e observar e analisar, à luz dos pressupostos teóricos propostos, os elementos provocadores para a interação face a face e a própria situação de enunciação da prova oral. Especificamente serão caracterizados e analisados os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade como sendo processos constitutivos da linguagem e da comunicação (FIORIN, 2006). Na perspectiva dialógica poderia se entender que se faz referência a intertextualidade como diálogo entre dois ou mais textos no sentido de materialidades que se aproximam. Mas, para a Brait (2016), a vida do texto não se reduz a isso, mas a uma dialogicidade que se caracteriza pelo movimento de discursos sociais, éticos, estéticos e culturais que, para serem mobilizados, dependem da existência do texto enquanto evento, enquanto acontecimento protagonizado por sujeitos historicamente situados. Sendo o exame Celpe-Bras um evento comunicativo situado sócio historicamente, e também um instrumento de política linguística fundamental para o conhecimento e a difusão da língua portuguesa em sua variedade brasileira no mundo, consideramos de vital importância estudos que contribuam para formação de professores e pesquisadores envolvidos nos processos de avaliação.

1 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Com o intuito de iniciar o percurso teórico metodológico que orientará a análise do fenômeno da intertextualidade, consideramos fundamental delimitar primeiramente determinados posicionamentos teóricos em relação à linguagem e ao texto como sua manifestação empírica. Assim, assumimos primeiramente, e de acordo com o Interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, [1997], 2004; 2006; 2008), doravante ISD, corrente que da continuidade aos trabalhos do Interacionismo social (Mead, Vigotsky), que a linguagem funda a constituição do pensamento consciente e que é só através das práticas de linguagem situadas que o desenvolvimento humano ocorre. Essas práticas ou ações de linguagem estão associadas a práticas sociais que, por sua vez, inserem-se em práticas humanas gerais, e pertencem a diferentes esferas do desenvolvimento humano. Assumimos os textos e os discursos como objeto de análise uma vez que eles representam as manifestações concretas das práticas de linguagem situadas sendo, portanto, a única

forma possível de aceder ao estudo das línguas naturais e da linguagem em geral. Entenderemos então, de acordo com Bronckart (1997; 2006b), o texto como produto de uma ação de linguagem sócio historicamente situada, que se realiza mobilizando os recursos de uma língua natural através de um duplo processo de adoção e de adaptação: por um lado, em função de sua experiência pessoal com textos, o agente produtor adota do arquitexto (conjunto dos gêneros existentes) o modelo de gênero que ele considerar mais adequado de acordo com os parâmetros do contexto de produção. Por sua vez, ele adapta o gênero escolhido conforme a situação de produção em função das representações sobre essa situação por ele ativadas. Esse duplo processo de adoção e adaptação dá como resultado um texto empírico singular. Assim sendo, um texto singular é o correspondente empírico e linguístico de uma ação de linguagem (BRONCKART, 2006b, p.139). Bronckart posiciona-se em relação à importância dos gêneros de texto e sua função organizadora da linguagem na sequência dos trabalhos de Voloschinov ([1929] 2009, p.155) e Bakhtin. Para Bakhtin (2003, p.282), “falamos através de determinados gêneros de discurso, isto é, todos nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis de construção do todo”. Segundo o autor, só enunciamos através de gêneros que regulam nossa prática verbal. Esses gêneros, então, serão entendidos como conjuntos de textos que compartilham funções de organização da comunicação dentro de determinada esfera da atividade humana.

Segundo Brait (2016), na perspectiva do círculo de Bakhtin, *texto* apresenta-se como uma dimensão linguística atualizada por um sujeito (coletivo ou individual) que se caracteriza como enunciado concreto, situado, pertencente a um contexto, a uma cultura, em diálogo com interlocutores presentes, passados e futuros. “Nessa perspectiva dialógica, o texto ganha existência e consistência, realiza-se no confronto entre duas consciências, entre ao menos dois interlocutores, em conjunção com discursos situados histórica, cultural e socialmente.” (BRAIT, 2016, p.16).

Nessa perspectiva, então, texto assume a designação de enunciado concreto e situado que só pode ser entendido a partir dos elementos que lhe imprimem singularidade, nomeadamente a carga de valores que o configuram; a autoria individual ou coletiva decorrente de um posicionamento enunciativo que dá voz ao texto; o destinatário que participa ativamente da construção dos sentidos e as relações dialógicas que são estabelecidas a partir do encontro entre o texto/enunciado e seus interlocutores, em diferentes situações, contextos históricos, culturais e discursivos.

A autora afirma que na perspectiva dialógica poderia se entender que se faz referência à intertextualidade como diálogo entre dois ou mais textos no sentido de materialidades que se aproximam. Porém, ela frisa que a vida do texto não se reduz a isso, mas a uma dialogicidade que se caracteriza pelo movimento de discursos sociais,

éticos, estéticos e culturais que, para serem mobilizados, dependem da existência do texto enquanto evento, enquanto acontecimento protagonizado por sujeitos historicamente situados.

Fiorin (2006) discute o aparecimento do termo intertextualidade no ocidente e as noções de dialogicidade a ele relacionadas em Bakhtin destacando que é graças a Kristeva (1967) que o termo intertextualidade ganha destaque inclusive antes mesmo que o de dialogicidade. Após discutir as visões de Barthes e Kristeva sobre o fenômeno da intertextualidade, Fiorin afirma que ela seria exatamente “qualquer referência ao Outro, tomado como posição discursiva: paródias, alusões, estilizações, citações, ressonâncias, repetições, reproduções de modelos, de situações narrativas, de personagens, variantes lingüísticas, lugares comuns, etc.” (FIORIN, 2006, p.165). Em seguida, o autor se propõe retomar as noções de intertextualidade e interdiscursividade em Bakhtin com o intuito de discutir suas especificidades, afirmando que para o autor russo “interdiscurso” aparece sob o nome de “dialogismo”, pois o dialogismo se dá sempre entre discursos, sendo o princípio constitutivo da linguagem. Nessa concepção, o dialogismo é constitutivo do enunciado e a relação dialógica é, portanto, uma relação de sentido que se estabelece entre enunciados na interação verbal. Fiorin afirma que para a concepção bakhtiniana sempre haverá uma existência de ideologias enfrentadas no exercício da enunciação manifestadas nas vozes que circulam socialmente. “Isso significa que para o autor russo, não ha uma neutralidade na circulação das vozes” (FIORIN, 2006, p.173). No entanto, existe uma outra manifestação dialógica que se exhibe no fio do discurso quando as diferentes vozes são, de alguma forma, nele incorporadas, em cujo caso será uma forma composicional, manifestadas como “formas externas, visíveis do dialogismo” (BAKHTIN apud FIORIN, 2006, p. 173.).

Segundo Bakhtin, existem duas maneiras de incorporar as vozes explicitamente no enunciado: aquela em que o discurso do outro é citado expressamente e aquela em que o enunciado é “bivocal ou internamente dialogizado” (BAKHTIN apud FIORIN, 2006, p. 174.). No primeiro caso encontraremos formas composicionais como o discurso direto e indireto, as aspas e a negação, ao passo no segundo ocorrem formas como a paródia, a estilização, e a polêmica velada ou clara. Após analisar essas manifestações em exemplos, Fiorin encerra seu estudo discutindo as noções de texto e enunciado relacionadas a intertexto e interdiscurso em Bakhtin e afirma que, segundo o russo, ao passo que o texto é uma realidade imediata dotada de uma materialidade, o enunciado é da ordem dos sentidos, se constrói nas relações dialógicas, e portanto há uma distinção clara entre as relações dialógicas que se dão entre enunciados e aquelas que se dão entre textos. Sendo que qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, será

interdiscursiva, o termo *intertextualidade* será utilizado nos casos em que essa relação discursiva é materializada em textos, e isso significa que “a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade” (Fiorin, 2006, p.181), quer dizer, a intertextualidade se dá quando um texto se relaciona com outro texto já constituído enquanto materialidade linguística. No entanto, conforme o autor, a interdiscursividade não necessariamente pressupõe uma manifestação concreta sob a forma de intertextualidade, pois as relações interdiscursivas, na medida em que existem em todo enunciado sendo da ordem do dialogismo constitutivo, manifestam-se nas relações entre sentidos subjacentes a todos eles.

Miranda (2010, p.176-177) salienta que a intertextualidade como processo pode ser entendida em dois sentidos: em um primeiro sentido, mais amplo, que entende a intertextualidade como constitutiva de todos os textos (acepção que se aproxima das noções bakhtinianas do dialogismo constitutivo), todo texto é sempre responsivo a outros textos (passados e futuros); em um segundo sentido mais estrito, a intertextualidade dá conta de um conjunto de relações que se estabelecem entre um texto ou grupo de texto com outro(s) texto(s).

Na mesma linha de análise, mas com algumas variações terminológicas, Gresillon e Maingueneau (1984) estudam o provérbio enquanto manifestação particular da enunciação. Consideram a enunciação proverbial como sendo um caso especial de polifonia no qual a responsabilidade da asserção do provérbio é atribuída a uma voz diferente da voz do locutor, mas por sua vez incorpora todas as vozes que pronunciaram o mesmo provérbio. Essas vozes todas poderiam ser entendidas, de acordo com os autores, pelo “ON” da língua francesa que, em certa forma, representa as vozes da opinião comum, do comum “da gente” que garante a veracidade do que é dito. Nesse sentido, a interpretação de uma enunciação proverbial é sempre polifônica na medida em que ela é validada pela *sagesse des nations*, isto é, a “sabedoria do povo”. Não nos interessa, no presente trabalho, retomar a discussão sobre a autoridade da enunciação proverbial que os autores analisam, mas os mecanismos lingüísticos que materializam certos processos discursivos pelos quais as enunciações proverbiais são manifestas, como o caso do *detournement* ou alteração do texto fonte. Os autores analisam uma série de mecanismos discursivos como a *substituição* (de fonemas ou termo); o *acréscimo* (de elementos ao provérbio); a *negação*, e a *fusão* (ou *bricolage*) de dois provérbios (GRESILLON e MAINGUENEAU, 1984, p. 114-116).

Após essa releitura (mesmo que sucinta), sobre as diversas concepções relacionadas à intertextualidade assumiremos, para o presente trabalho, duas noções de intertextualidade relevantes para analisar a especificidade de nosso *corpus*. A primeira, no sentido amplo, e a segunda no sentido estrito. Na primeira, no entendimento

bakhtiniano do termo, admitiremos que todo enunciado (texto) é constitutivamente intertextual enquanto ele é resposta a enunciados anteriores e por sua vez, por seu caráter dialógico, é provocador de respostas a ele próprio. Essa noção é relevante para nossa análise na medida em que acreditamos que tanto a própria situação de interação oral do exame Celpe-Bras quanto os elementos semiolinguísticos *provocadores* da interação operam sob uma lógica de entendimento da proficiência do candidato como a capacidade de estabelecer uma série de relações para o cumprimento do propósito comunicativo, como a consideração do contexto sócio histórico, os interlocutores envolvidos e seu papel social, o gênero do discurso, e o próprio propósito comunicativo, bem como as redes de relações dialógicas que ele consiga estabelecer provocando respostas possíveis. Nesse sentido, é necessário considerar a intertextualidade também no sentido estrito, entendida como as relações que se estabelecem entre os textos enquanto materialidades semiolinguísticas, sendo ela manifestada na superfície textual através de um conjunto de mecanismos discursivos como a substituição, o acréscimo ou a fusão.

Em termos de análise retomamos, em concordância com o ISD, o programa metodológico proposto por Voloshinov ([1929]; 2009). Assim, para entender o funcionamento das línguas naturais é necessário identificar a atividade social geral na que se inscreve a ação de linguagem e esta em relação com as condições gerais de sua produção. Depois, identificar o gênero do discurso para finalmente analisar as formas linguísticas específicas mobilizadas no texto singular. Sob a mencionada abordagem será analisada, em primeiro lugar, a própria situação de interação face a face do exame oral, considerando a atividade social e o gênero do discurso proposto, bem como os parâmetros da situação de interação mobilizados. Em segundo lugar, serão analisados elementos provocadores das edições do exame do ano 2009 ao ano 2014 sob os mesmos parâmetros, identificando a atividade social na qual se inserem bem como os elementos das condições concretas de sua produção, para finalmente observar as relações intertextuais presentes e os mecanismos discursivos mobilizados.

2 ANÁLISE DO CORPUS

Antes de iniciar nossa análise, consideramos necessário referir que o exame para obter o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) é o certificado brasileiro oficial de proficiência em português como língua estrangeira. Ele é aplicado no Brasil e em outros países pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), com apoio do Ministério da Educação e em parceria

com o Ministério das Relações Exteriores.

O exame é dividido em duas partes: a Parte Escrita (coletiva) e Parte Oral (individual). A Parte Oral avalia a compreensão da fala, a competência para interagir em LP, a fluência, o domínio de vocabulário e de estruturas da LP e a pronúncia. De acordo com Dell'Isola et al. (2003), o exame tem por objetivo a avaliação da competência de uso oral e escrito da língua portuguesa (em sua variedade brasileira) através da realização de tarefas comunicativas. O exame é proposto como exame de proficiência, entendida, de acordo com as autoras, como o *uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo*. As autoras também definem elementos provocadores como *textos curtos, fotos ou cartoons* utilizados na interação face a face da parte individual do exame (BRASIL, 2006).

Schoffen (2009) retoma e amplia o conceito de proficiência, redefinindo-a como a capacidade do candidato de produzir enunciados adequados dentro de determinados gêneros do discurso, configurando a interlocução de maneira adequada ao contexto de produção e ao propósito comunicativo.

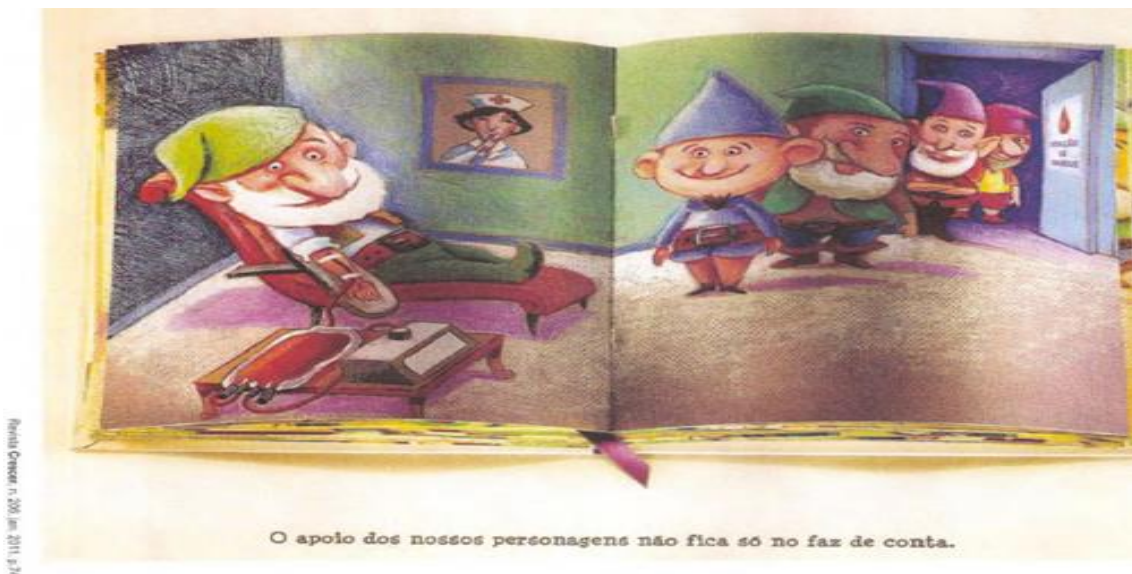
Iniciando nossa análise consideramos fundamental definir, em termos teóricos, a situação de interação face a face proposta para avaliação da parte oral. Assumimos que é possível identificar dois enunciados/textos, nomeadamente a interação oral face a face e o elemento provocador.

No caso da interação oral, entendemos que a atividade social relacionada é acadêmica ou formativa, na qual um candidato a certificar seu conhecimento da língua portuguesa é avaliado. Em relação ao gênero do discurso poderíamos afirmar, *a priori*, que encontramos-nos perante uma *conversação*, se bem tanto o candidato quanto o avaliador encontram-se e se reconhecem dentro de uma situação de avaliação, e espera-se que tanto um quanto o outro enunciem desde um lugar social diferente, que poderia ser o de amigos, colegas de trabalho, etc., interagindo em uma conversa (informal?). De todas formas, não são apresentados parâmetros concretos que levem os interlocutores a pensar-se em uma situação de enunciação que responda a uma esfera social determinada. Esse aspecto em si poderia ser motivo de uma discussão que não é motivo do presente trabalho, se bem é necessário salientar que a falta de parâmetros concretos relativos à situação de interação dificultaria o estabelecimento das relações dialógicas pretendidas para atingir o objetivo comunicativo.

Por outro lado, encontramos os elementos provocadores definidos por Coura-Sobrinho (2014), como *textos multimodais* que, além dos dispositivos tipográficos, apresentam imagens ou infografias que podem ser exploradas pelos indivíduos envolvidos para promover a interação permitindo ao candidato compreender o que está sendo dito sobre o tema do texto e sobre a língua e cultura brasileira. Ele também afirma

que a situação comunicativa da entrevista consiste em um cenário no qual os candidatos são avaliados e, ao mesmo tempo, devem expressar-se sob a forma de diálogo, que o autor define como *conversação*, salientando que existe um deslocamento do propósito comunicativo do texto que é utilizado como elemento provocador: apesar de ele ter sido produzido com uma determinada intenção comunicativa (vender um produto, informar, persuadir, etc.), é utilizado para avaliar a interação dos candidatos. Porém, tomado em seu contexto de produção original, o elemento provocador pertence ao âmbito jornalístico, apresentando-se, em geral, sob o modelo genérico de capa de revista ou manchete de jornal ou revista. Consideramos importante salientar que, em muitos casos, existe uma dificuldade em identificar o gênero do texto proposto e, conseqüentemente, identificar os parâmetros da situação de interação (atividade social, enunciador e destinatários, propósito comunicativo, suporte), o que pode gerar certa incerteza na hora estabelecer as relações dialógicas pretendidas para atingir o propósito comunicativo (ver Fig. 1, 2011/1).

Figura 1



(ACERVO, 2017)

No exemplo acima a falta de elementos do contexto de circulação e produção do texto singular, a dificuldade de estabelecer o gênero (propaganda?, publicidade?, campanha?) cria uma incerteza na hora de estabelecer as necessárias relações que atuariam a identificação dos parâmetros como quem enuncia e para quem, e com que propósito.

Na Fig. 2 (2011/1), porém, é possível identificar uma dialogicidade discursiva sob uma forma de intertextualidade em sentido estrito, *por que é impossível ser feliz sozinho*, que remete a letra da música de Tom Jobim (*Wave*), e apresenta-se sem nenhum tipo de

alteração. É necessário salientar que, se entendemos que o elemento provocador deve *provocar* respostas que permitam avaliar a proficiência do candidato, espera-se deste último que seja capaz de recuperar esse texto fonte e que, na medida em que ele consiga estabelecer essa relação intertextual, mais ele se aproximará do efeito de sentido pretendido.

Figura 2



(ACERVO, 2017)

O mesmo podemos observar na Fig. 3 (2009/1), em que o enunciado *Um por todos, todos por um* faz referência intertextual em sentido estrito ao lema dos amigos inseparáveis protagonistas da novela de Alejandro Dumas, *Os três mosqueteiros*. É possível estabelecer uma relação dialógica também em sentido amplo, pois o senso comum, a *sabedoria do povo* permitirá a qualquer falante relacionar o lema ao trabalho em equipe, que é o tema principal da reportagem.

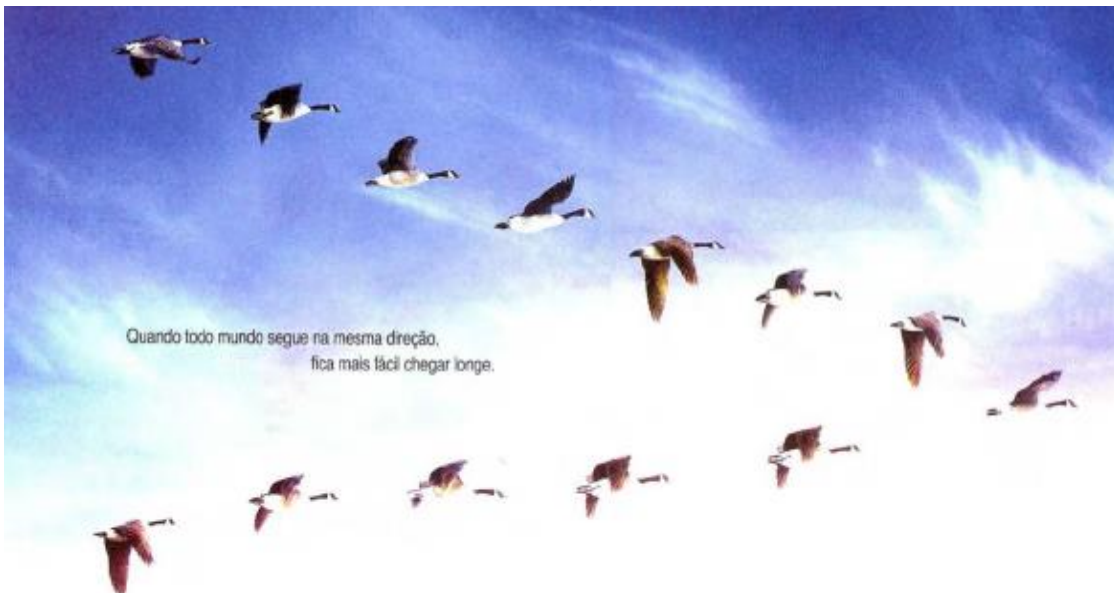
Figura 3



(ACERVO, 2017)

No entanto, observe-se a Fig. 4 (2011/1), em que a mesma relação dialógica é pretendida sob o enunciado *Quando todo mundo segue na mesma direção, fica mais fácil chegar longe*. Além de não ser possível identificar uma relação intertextual no sentido estrito, pois o enunciado não remete a um outro texto plausível de ser reconhecido, acreditamos que a frase apela a uma memória social do destinatário que seja capaz de estabelecer uma relação dialógica com o trabalho colaborativo, ou trabalho em equipe. Porém, pelas características do texto singular apresentado, elemento provocador que carece de qualquer dado que ative no leitor os parâmetros de sua situação de produção (atividade social? enunciador? destinatários?), consideramos que possa ser difícil estabelecer qualquer relação interdiscursiva.

Figura 4



(ACERVO, 2017)

Observemos exemplos nos quais é possível identificar alguns dos diferentes processos de alteração ou *détournement* previamente descritos. Vemos, na Fig. 5 (2013/1), um mecanismo de *substituição* de um termo por outro (*celebrar* por *rezar*), estabelecendo-se uma relação intertextual entre o texto do elemento provocador e o nome do filme de 2010 de Ryan Murphy, *Comer, rezar, amar*.

Figura 5



(ACERVO, 2017)

A Fig. 6 (2013/2) apresenta uma série de fenômenos discursivos relevantes para nossa análise. Por um lado, é possível estabelecer uma relação claramente intertextual entre o título da reportagem (*As mentiras que os pais contam para os filhos*) com o título da obra de Luís Fernando Veríssimo (2000), *As mentiras que os homens contam*. Dois processos discursivos de alteração ocorrem simultaneamente, a *substituição* (*homens por pais*) e o *acréscimo* (*para os filhos*). Por sua vez, apela-se a uma memória coletiva através das enunciações propostas como exemplos de *mentiras* dos pais para os filhos: *Não vai doer nada*; *Fazemos tudo por você* ou *Mentir é feio*. A relação interdiscursiva precisa ser atualizada através das frases e do elemento semiótico (Pinóquio), cuja associação com a ideia de mentira é (praticamente) impossível de evitar.

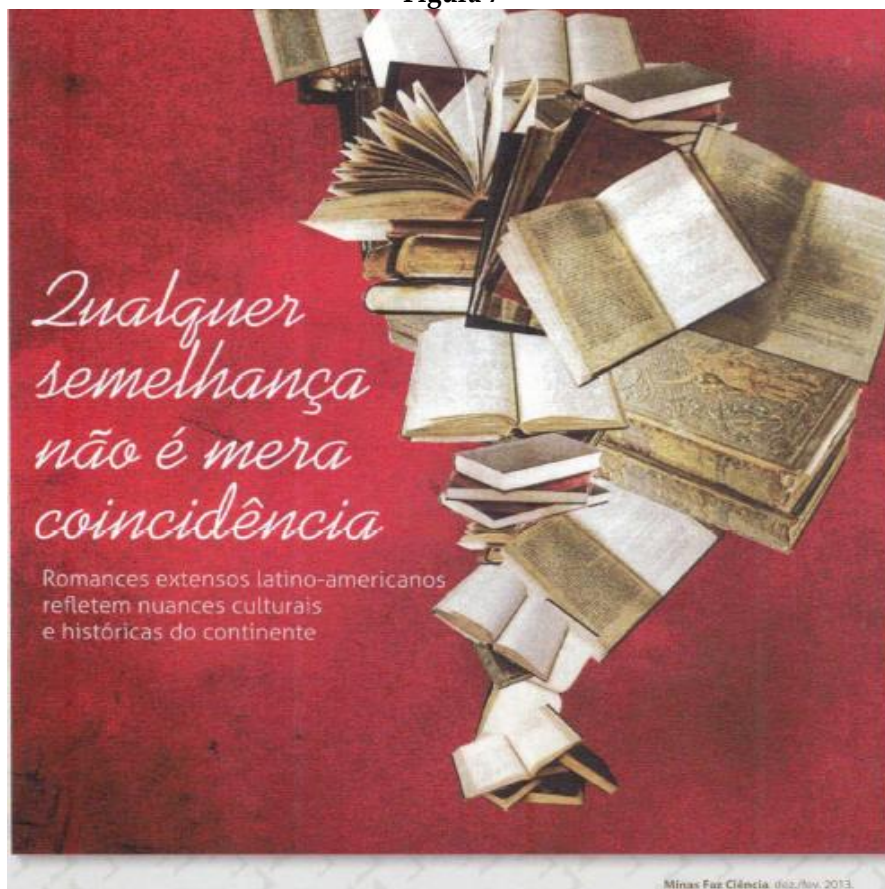
Figura 6



(ACERVO, 2017)

A Fig. 7 (2014/2) apresenta uma relação intertextual com o enunciado *Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência*, que podemos identificar em multiplicidade de produções cinematográficas¹. A alteração ocorre através de um processo de *supressão* (*Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência*) mas também pela *negação* do sentido do enunciado fonte (*Qualquer semelhança não é mera coincidência*). Para estabelecer a necessária relação dialógica é preciso ativar determinados conhecimentos a respeito de romances latino-americanos que remetem a fatos históricos, políticos e culturais que são parte da memória social dos latino-americanos².

Figura 7



(ACERVO, 2017)

¹ Existem casos nos quais a relação intertextual é automaticamente estabelecida, mas o texto-fonte remete a uma multiplicidade de textos empíricos, o que dificulta o rastreamento do original. Porém, isso não impede o estabelecimento imediato das relações dialógicas necessárias para determinar o propósito comunicativo. O caso do enunciado multiplicado em inúmeros filmes remete a casos relacionados com a exoneração de responsabilidade por parte dos estúdios de cinema. Alguns sites especializados em história do cinema atribuem a origem da frase ao filme "Rasputin and the empress" (1932), cuja divulgação resultou em um julgamento à Metro Goldwyn Mayer por parte da família Yusupov por alteração da verdade dos fatos da vida real.

² Podemos mencionar, a modo de exemplo, "El general en su laberinto", de Gabriel García Márquez, que remete a Simón Bolívar; ou "En el tiempo de las mariposas", de Julia Alvarez que narra a história das irmãs Mirabal, vítimas do ditador Trujillo da República Dominicana.

Finalmente, trazemos dois exemplos de enunciações proverbiais (GRESILLON e MAINGUENEAU, 1984), entendidas pelos autores como o discurso indireto por excelência, na medida em que atualiza não um Outro específico mas uma multiplicidade de outras vozes que representam o conhecimento de todos, a sabedoria popular que permite ativar determinadas representações associadas à enunciação proverbial, provocando a resposta esperada e constituindo-se em uma relação dialógica.

Manifestações de interdiscursividade como as das Fig. 8 (2011/1) e 9 (2014/2) facilitariam o reconhecimento dessas relações dialógicas por parte dos candidatos ao exame, o que os levaria a elaborar as *respostas possíveis* esperadas.

Figura 8



(ACERVO, 2017)

Figura 9



(ACERVO, 2017)

De acordo com Schoffen (2009, p. 83) “O leitor ou ouvinte precisa ser entendido como uma pessoa que teve (ou não) acesso aos enunciados anteriores que o enunciado em questão está respondendo, porque esse conhecimento ou desconhecimento terá efetiva importância para esse enunciado. [...] Essa interlocução dialógica com os leitores e com os outros enunciados precisa ficar clara no texto, para que seja possível perceber quais respostas seriam possíveis.”

Enfatizamos mais uma vez, sob o risco de sermos redundantes, a importância da escolha de elementos provocadores cujo gênero de texto fique explícito e cujo conteúdo semiolinguístico seja preciso e compreensível, mesmo que demande da ativação de toda uma série de conhecimentos culturais por parte do candidato para dar interpretação ao texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do nosso trabalho pudemos levantar algumas linhas de pesquisa que apresentam pontos interessantes para serem desenvolvidos em trabalhos posteriores.

Sem querer fazer um levantamento exaustivo sobre a noção de intertextualidade, mas apresentando algumas das noções que deram orientação a nossa pesquisa, pudemos constatar que o fenômeno da intertextualidade, sob as diversas óticas das Teorias do texto e do discurso, é considerado constitutivo da textualidade enquanto manifestação empírica do agir social e da ação de linguagem em particular.

Observamos que, sendo o dialogismo uma relação de sentido necessária entre enunciados e constitutiva dos mesmos, seja sob a forma de interdiscursividade ou sob a forma de intertextualidade enquanto relações entre materialidades textuais tem uma interdependência direta com o gênero enquanto inscrição sócio histórica e cultural que opera como organizador da linguagem como prática social constitutiva do pensamento.

Em relação ao fenômeno discursivo da intertextualidade, seja em sentido amplo ou em sentido estrito, observada nos elementos provocadores da parte oral do exame Celpe-Bras, acreditamos que a necessária relação entre o dialogismo e os gêneros textuais apontada acima, pode influenciar decisivamente no reconhecimento dos elementos constitutivos da situação de enunciação com a conseqüente facilidade (ou dificuldade) no estabelecimento das relações dialógicas pretendidas.

De acordo com Schoffen (2009), avaliar a proficiência implica em avaliar o uso da língua manifestado em enunciados e, se considerarmos que são os gêneros do discurso

que organizam o uso da linguagem, deverá ser avaliada a compreensão e produção de gêneros nessa língua estrangeira. Na concepção proposta pela autora, gênero entende-se como muito mais do que o formato de texto que pode ser nomeado (carta, e-mail, publicidade, etc.) A relação de gênero inclui em si própria toda a rede de relações que contribuem para compor o gênero: as esferas das atividades humanas, o autor e seu lugar social, seu interlocutor enquanto destinatário desse autor-enunciador irão determinar a composição do texto e as informações nele dispostas. (SCHOFFEN, 2009, p.102). Se bem é claro que o posicionamento aqui assumido prioriza a relação de interlocução que se propõe por sobre o formato de texto que pode ser nomeado, em alguns dos elementos provocadores observados, como mencionado, a impossibilidade de reconhecer o gênero (do elemento provocador entendido como texto) proposto (publicidade? capa de revista? propaganda?) dificulta o reconhecimento dos elementos constitutivos da singularidade do texto situado, como o âmbito social ao qual de vincula, o(s) enunciador(es), o(s) destinatário(s), o objetivo comunicativo, e, sobretudo, os diálogos passados, presentes e futuros que constituem a dinâmica de comunicação.

Por outro lado, foi possível identificar como os diferentes mecanismos de alteração descritos por Gresillon e Maingueneau, provocam relações de sentido diversas que requerem do conhecimento do destinatário na medida em que precisa ativar saberes culturais e referenciais para poder interpretar o efeito de sentido pretendido pelo produtor do texto. Entendendo que, como vimos acima, existe um deslocamento do propósito comunicativo desses elementos provocadores, posto que eles são apresentados em uma situação de avaliação e não em seu contexto original de circulação, (como a mídia), em muitos casos a proficiência do candidato depende diretamente da possibilidade de identificação das relações intertextuais e interdiscursivas para poder elaborar as respostas esperadas e, conseqüentemente, obter a aprovação do exame e posterior outorgamento do diploma que valida seu acesso a determinados espaços.

Por último, acreditamos que o estudo dos gêneros textuais sempre será relevante para o entendimento do funcionamento das línguas e da linguagem, entendendo que é através deles que organizamos nossa prática verbal e interagimos em uma comunidade dada. Portanto, o estudo dos gêneros é essencial para a análise de quaisquer mecanismos discursivos e textuais na medida em que os gêneros possuem uma inscrição cultural, social e histórica que lhes imprime determinadas propriedades semiolinguísticas próprias da comunidade em que se criam e recriam, sendo elementos preciosos para elaboração de ferramentas de transposição didática.



REFERÊNCIAS

- ACERVO CELPE BRAS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/acervo>>. Acesso em: dez. 2017.
- BRONCKART, J.P. **Actividad verbal, textos y discursos**: Por un interaccionismo sociodiscursivo. Madrid, España: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2004.
- BRAIT, B. **O texto nas reflexões de Bakhtin e do círculo**. In: OLIVEIRA BATISTA (Org.), **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- COURA-SOBRINHO, J. **The face to face interaction to evaluate the oral Portuguese language proficiency**. 2014 [conferência]
- DELL'ISOLA, R. L. P. et al. **A avaliação de proficiência em português língua estrangeira: o exame CELPE-Bras**. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. 3.1 (2003): 153-164.
- FIORIN, J. L. Intertextualidade e interdiscursividade. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphone, proverbe ET détournement: ou un proverbe peut en cacher un autre. **Langages**, 1984, n. 73, p. 112-125.
- MIRANDA, Florencia; COUTINHO, Maria Antónia; **Textos e gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- SCHOFFEN, J. R. **Gêneros do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame Celpe-Bras**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/textos-publicados/schoffen-juliana-tese>>. Acesso em: dez. 2017.
- VOLOSHINOV, V.; BUBNOVA, T. **El marxismo y la filosofía del lenguaje**: los principales problemas del método sociológico en la ciencia del lenguaje. **Marksizm i filosofija jazyka**, n. 1: 81. Godot, 2009.

Título em espanhol:

LAS DIFERENTES MANIFESTACIONES DE LA INTERTEXTUALIDAD EN LOS ELEMENTOS PROVOCADORES DE LA PARTE ORAL DEL CELPE-BRAS